



GT 024. Antropologia, gênero e sexualidade em contextos educativos

Elisete Schwade (UFRN) - Coordenador/a, Fátima Weiss de Jesus (UFAM/DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA/PPGAS) - Coordenador/a

Esse GT tem como objetivo discutir gênero e sexualidade em práticas educativas, a partir de intervenções e pesquisas antropológicas realizadas nos últimos anos, no marco das políticas que fazem referência a diversidade, de acordo com as possibilidades previstas na Constituição de 1988 que, em 2018, completa 30 anos. Buscamos um balanço das diferentes situações em que as reflexões sobre gênero e sexualidade são acionadas em contextos educativos, também em perspectivas que incorporem outros marcadores sociais da diferença, tais como raça, classe, gênero. Desse modo será possível perceber avanços e retrocessos, permanências e transformações, tendo em vista conflitos e dinâmicas próprias associadas às políticas de educação e suas repercussões em contextos particulares. Serão aceitos trabalhos realizados com o enfoque metodológico e analítico da antropologia, com ênfase na etnografia, realizados em escolas, na formação de professores, cursos de aperfeiçoamento e especialização, cursos vinculados a movimentos sociais e organizações coletivas, entre outros.

Uma escola ?inclusiva?? Marcadores Sociais da Diferença no Espaço Escolar

Autoria: Ana Luiza Gomes Profírio

Este work busca refletir sobre os processos de ?inclusão? dentro do espaço escolar, a partir de um recorte generificado e racializado. Os dados aqui apresentados são resultado de uma pesquisa etnográfica com vista à elaboração da dissertação de mestrado. O work de campo foi realizado entre os meses de abril e dezembro de 2017, em uma escola pública da rede estadual de Alagoas. Acompanhei semanalmente a rotina de jovens estudantes do ensino médio, lésbicas, gays, travestis e transexuais, durante o intervalo e aulas vagas. Buscando apreender a centralidade do espaço escolar, para as experimentações juvenis no âmbito do gênero e da sexualidade. É importante mencionar que antes da realização da pesquisa lecionei nesta escola. Durante o work de campo, como forma de apresentar a minha pesquisa aos sujeitos, dizia estar interessada em saber como jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), percebiam a escola no que tange às questões de discriminação. A pesquisa ocorreu a partir de minha inserção em redes de relações de jovens que experimentavam a transição de gênero. Amanda que fazia uma rápida transição do feminino para o masculino, adotando o nome Fábio e se descrevendo enquanto um homem trans. E Gisele, que experimentava uma transformação mais gradual do masculino para o feminino, definindo-se principalmente como travesti. As amigas e amigos de Fábio e de Gisele em sua maioria compartilhavam experiências similares em relação à experimentação de relações homoeróticas. Estas/es jovens afirmavam considerar a instituição escolar ?inclusiva? e ?diversa? por vivenciarem situações pontuais de ?homofobia? naquele espaço. Era comum que realizassem uma comparação com as suas experiências escolares anteriores, destacando o work da direção para que fossem respeitadas/os no cotidiano escolar. A direção realizava uma ação de disciplinamento de docentes e estudantes, que não consistia na desconstrução de seus preconceitos, mas no impedimento de que fossem (re)produzidos em sala de aula. Chamando atenção sobre a escola ser um espaço público em que todas/os devem ser respeitadas/os, e opiniões preconceituosas e discriminatórias não devem ser emitidas. A lógica escolar frente às expressões não-heteronormativas era pautada pela ?inclusão? destes sujeitos no espaço escolar. Por mais que esta revele certos aspectos contraditórios, era inegável que as/os jovens estudantes lésbicas, gays, travestis e transexuais, estavam usufruindo de um espaço escolar mais democrático. Entretanto a ?inclusão? apresentava limites, não abrangendo os jovens estudantes negros e periféricos, percebidos enquanto ?vítimas? da desigualdade social, ou, associados à



criminalidade e descritos com desconfiança por alguns profissionais da escola.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**